

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O LUGAR-PRÓPRIO E O LUGAR-COMUM: A ARGUMENTAÇÃO A PARTIR DO NADA NAS REDAÇÕES DO VESTIBULAR¹

Rosita Da Silva Santos².

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Letras da UNIJUÍ, vinculado ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio - GEPEI.

² Professora de Língua Portuguesa do Departamento de Humanidades e Educação (DHE) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS (UNIJUÍ). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutoranda em Educação nas Ciências, pela UNIJUÍ.

1. Introdução

Argumentar é convencer, persuadir ou comover e é uma atividade intrinsecamente humana (Fiorin, 2015; Koch e Elias, 2016). Esta persuasão de que fala Koch e Elias faz-se, segundo Cícero, pelo convencimento, quando se mobilizam argumentos para levar a aceitar uma tese, ou pela comoção, quando isso é feito tentando alterar o estado de espírito do destinatário. (apud Fiorin, 2015, p. 19).

Um dos argumentos mais utilizados nas redações dos vestibulares é o argumento de lugar-comum. Na retórica clássica, o conceito de lugar-comum possuía um valor literário e discursivo. Entretanto, atualmente a ideia está ligada à ausência de originalidade. A expressão lugar-comum deriva do latim locus communis – é um tipo de discurso já visto e repetido. O uso abusivo desse tipo de argumento revela a ausência de repertório linguístico próprio e certa limitação argumentativa.

Neste texto, busca-se apresentar o conceito e os tipos de argumentos por lugares-comuns, analisando-os em situações reais: as redações do vestibular de inverno da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em 2015. Os trechos retirados das redações de candidatos às vagas no vestibular de inverno 2015 estão identificados como T1, T2, etc., e vão de um a nove.

2. Metodologia

O presente empreendimento teórico-analítico se constituiu por um processo de análise textual discursiva qualitativa (MORAES, 2003), visando aprofundar a compreensão do uso de argumentos de lugar-comum nas redações do vestibular da UNIJUÍ. Para isso, fez-se a unitarização das informações provenientes de um arcabouço teórico, separando-as por “unidades de significado ou de sentido” (MORAES, 2003, p.195), num movimento de interlocução entre as concepções teóricas do que seja argumentação de lugar-comum e as redações do vestibular (FIORIN, 2015; KOCH e ELIAS, 2015).

O tema utilizado na redação do vestibular foi a sala de aula invertida, uma metodologia ativa, cuja ideia central é de que o aluno assista previamente às principais explicações acerca do assunto a ser trabalhado em aula, estudando no material indicado pelo professor, e, posteriormente, o encontro presencial passa a ser a oportunidade para esclarecer dúvidas, realizar atividades, trocar conhecimentos e fixar a aprendizagem. O texto motivador abordava o fato de que há países no

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

mundo que estão adotando essa metodologia, tanto para a educação básica como para o ensino superior.

3. Resultados e Discussão

O ato de defender um ponto de vista exige o uso da argumentação. A língua nos permite uma série infinita de gradações argumentativas, que vão da concordância absoluta à discordância total, passando por uma gama de sutilezas entre as duas. Tanto na oralidade quanto na escrita, é de fundamental importância dominar estes recursos.

Escrevemos/falamos sempre com alguma intenção: informar, persuadir, divertir, etc. Quando nossa intenção é persuadir, necessitamos de informações que extrapolam o simples ato de convencer, visto que nossos discursos estão intimamente ligados a questões ideológicas que, muitas vezes, interferem em nossas vontades.

É possível também que o texto de opinião nos leve à dúvida, que não conclua isso ou aquilo simplesmente. Em qualquer caso, ele assume um ponto de vista, que, é claro, vai se chocar contra outros pontos de vista. Daí a resposta ativa que a opinião exige: não estamos mais simplesmente “absorvendo” informações, mas pensando sobre elas. (FARACO E TEZZA, 2013, p. 240)

As informações, segundo Faraco e Tezza (2013), por si só, não nos garantem solidez argumentativa. Para os autores, as informações são “‘cacos’ à espera de alguém que lhes dê sentido, que monte o quebra-cabeças deste grande espetáculo” (p. 239). Não são informações “neutras”, mas carregadas de entonação apreciativa e crítica, com um toque argumentativo, lembrando sempre o leitor do outro lado da questão. Argumentação é, de acordo com Koch e Elias,

o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva. (p. 24).

Fiorin (2015) destaca que existem os lugares-próprios da argumentação e os chamados lugares-comuns. Os lugares-próprios seriam aqueles específicos de uma ciência, de um campo discursivo. As leis, por exemplo, possuem lugares-próprios, visto que fazem parte do campo discursivo jurídico e nos permitem estabelecer regras gerais. Já os lugares-comuns são “formas vazias comuns a todos os argumentos” ou “estereótipos, proposições muito repetidas”. (Barthes, 1975, apud Fiorin).

De acordo com Fiorin (2016), há duas formas de conceituarmos lugar-comum: “A primeira é de esquema argumentativo que pode ganhar os conteúdos mais diversos, é uma matriz semântica, um molde discursivo” (p. 95). Esta é, segundo Fiorin, uma concepção aristotélica de lugar-comum, em que o argumento serve de espaço para a construção de argumentos conflitantes. Fiorin (2016) traz, como exemplo, o trecho do livro *Amálgama*, de Rubem Fonseca: “Quem mata um gato é capaz de matar uma pessoa? [...] Matava cães e gatos, mas não dizia palavras torpes”. O autor destaca que, no “exemplo dado, pode-se também enunciar o argumento de que quem pode o mais não pode

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

necessariamente o menos. Assim, uma celebridade não pode fazer certas coisas que estão ao alcance do homem comum”. (FIORIN, 2016, p. 95).

A segunda forma é como um “argumento pronto”, um clichê, ou seja, lugar-comum significa algo que é do conhecimento de todos. Os provérbios são, por exemplo, lugares-comuns. Para Aristóteles, seriam espécies de crenças coletivas. Alguns desses lugares-comuns, de acordo com Perelman e Tyteca (2005, apud FIORIN, 2015, p.96-101), seriam a) lugar da quantidade: “quando uma coisa é preferível à outra em virtude da quantidade”; b) lugar da qualidade: é aquele segundo o qual o melhor é o raro, o único; c) lugar da ordem: superioridade da causa sobre o efeito; d) lugar do existente: “declara a superioridade do que é sobre aquilo que é apenas possível”; e) lugar da essência: o essencial é preferível ao fortuito; f) lugar da pessoa: apela para o valor da pessoa, sua dignidade, seu mérito, sua importância.

Faraco e Tezza (2011, p.197) afirmam que toda opinião “transformadora, isto é, que está realmente impregnada da vitalidade cotidiana, que está viva, necessita de informação”. De acordo com os autores, não existe “opinião pura”, visto que

esse tipo de opinião completa, fechada e definitiva, são os lugares-comuns, os chavões, os clichês da linguagem, os “dogmas” que existem justamente para suprimir opiniões. A opinião precisa de informação; é esta que abre caminho, fornece argumentos e provas com os quais estabelecemos nossos pontos de vista. (p. 197).

No trecho abaixo, percebemos o lugar-comum que apela para o valor da pessoa, sua importância, no caso, o professor. Quando se aborda a questão da sala de aula invertida, em nenhum momento há a proposição de ausência do professor.

(T1) Cada dia que se passa é raro escutar um aluno dizer que foi buscar informações em livros, pelo contrário, a maioria certamente irá dizer que foi em algum site, algumas pessoas iriam dizer que eles estariam desvalorizando a função dos professores, o que é errado, estão apenas encontrando novas formas de obter conhecimento, e conquistando sua própria autonomia.

No trecho abaixo, o candidato afirma que o impacto na aprendizagem será maior. Entretanto, não apresenta/fornece argumentos e provas consistentes para sustentar seu ponto de vista.

(T2) É fundamental as escolas e universidades adquirirem esse novo método de ensino, pois ele apresenta uma grande contribuição, os jovens demonstram um impacto de aprendizagem muito maior do que os que cursaram o ensino tradicional.

Quando usamos provérbios - “Devagar se vai ao longe, porque a pressa é inimiga da perfeição e a esperança é a última que morre”(FARACO E TEZZA, 2011, p. 211) - o conjunto de frases é uma demonstração de argumentos de lugar-comum, também conhecidos como chavões ou clichês.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O mal do lugar-comum não está propriamente no fato de ser uma expressão muitas vezes usada. Na verdade, todos nós dispomos de frases e expressões que se repetem muitas vezes em contextos semelhantes – e dentro do jargão profissional (advogados, médicos, publicitários...) as “frases feitas” podem até ser um instrumental de trabalho, em usos específicos, e não causam maiores danos, mesmo porque a procura da originalidade permanentemente poderia nos transformar em insuportáveis pedantes”. (FARACO E TEZZA, 2011, p. 211)

É importante reconhecer os lugares-comuns, mas essa não é tarefa fácil, porque “o chavão permeia todos os pontos de vista e pode fossilizar mesmo a opinião mais honesta, sincera e bem-intencionada.” (FARACO E TEZZA, 2011, p. 212). Segundos os autores, a face mais evidente deste tipo de generalidade vazia é o uso de entidades como o homem, o mundo, os políticos, o jovem, como “se as sociedades fossem todas constituídas de blocos absolutamente homogêneos”. Para Faraco e Tezza, no lugar-comum, “esses blocos imaginários em geral se definem por afirmações igualmente absolutas e incontestáveis – e tão confortáveis que acabam sendo repetidas à exaustão” (2011, p.212). Exemplo disso é quando o vestibulando repete a ideia de que vivemos em um mundo tecnológico e, por isso, a sala de aula invertida seria um grande avanço. Além disso, em (T3), percebe-se o uso de generalidades vazias, como “vivemos em um mundo”, “nós seres humanos” e “a sociedade de hoje”.

(T3) Estamos vivendo em um mundo rodeado de tecnologias, mundo este que está tomando conta de nós seres humanos sem que nós percebemos (sic). Continuar na “educação passada” faz com que nós não crescamos diante da sociedade, pois querendo ou não a sociedade de hoje está cada vez mais movida à tecnologia.

Nesse caso, uma forma de fugir do lugar-comum seria afirmando que a forma de construir conhecimento é colaborativa e está havendo uma espécie de transformação cultural e que é necessário que os educadores aprofundem o conhecimento sobre essa cultura digital, a fim de compreender o universo dos estudantes. Isso é muito mais do que simplesmente aprender a mexer nos celulares e computadores – o que é extremamente reducionista. É importante aprender/ensinar a transformar informação em conhecimento e perceber a imensidão de informações na rede.

No exemplo anterior (T4), podemos também perceber uma apologia ao passado, como se a educação, no passado, fosse melhor do que a que temos atualmente. Isso é um lugar-comum denominado argumento do “laudator temporis acti” (apologista do tempo passado). Segundo Fiorin (2016), são argumentos em que se glorifica o passado e se menospreza o presente, o que, no limite, leva a fazer a apologia a uma idade de ouro. “Lembra um período feliz no passado, uma época em que tudo funcionava”. (p. 99). Esse argumento de lugar-comum é considerado lugar da ordem, afirmando a superioridade do anterior sobre o posterior. Percebe-se esse lugar-comum no exemplo abaixo:

(T4) Antigamente, professores e alunos interagiam em sala de aula apenas, pois além de ser um tempo em que os alunos desde pequenos ajudavam em casa, era um tempo de tecnologia fraca. Com o passar dos anos as tecnologias foram melhorando assim facilitando o entendimento e explicações. Com o surgimento da internet, notebooks, celulares entre outros, pode-se melhorar a educação, pois

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

com essa tecnologia os professores passaram a interagir com os alunos e se expressar de melhor forma, tendo mais conteúdo, fazendo os alunos buscar mais, e não ficar só na “sala de aula”.

Em (T4), além da apologia ao tempo passado, há o argumento do lugar da quantidade. Ao afirmar que há mais conteúdo, o candidato parece relacionar ao fato de que quanto mais informação melhor. Além disso, ao afirmar que a internet, notebooks, celulares e outros podem melhorar a educação, ele está demonstrando, mais uma vez, que é a quantidade disponível de materiais tecnológicos que poderão fazer a diferença, procurando validar a ideia de que alguma coisa é superior à outra por ser proveitosa a um número maior de pessoas.

A opinião é um juízo individual, em que não se precisa necessariamente apresentar justificativas, e argumento pressupõe que as razões de uma possível tese sejam apresentadas e confrontadas, mediante uma explicação/justificativa de uma opinião.

A opinião, o direito à opinião e à sua disseminação impressa, e principalmente o acesso à diversidade de opiniões (o que diz respeito também ao direito de acesso à educação) são aspectos fundamentais das sociedades modernas. E nesse terreno argumentativo – toda opinião consistente supõe argumentos – o texto escrito é absolutamente insubstituível. (FARACO E TEZZA, 2013, p. 239)

Para dar uma opinião, é preciso ter argumentos concretos que sustentem a ideia, caso contrário estaremos simplesmente repetindo as vozes já cristalizadas, muitas vezes reproduzindo discursos preconceituosos e criando estereótipos. É o que acontece no trecho abaixo, quando o candidato traz a ideia de que a educação da escola pública é pior, se comparada à escola privada.

(T5) Todavia, no que diz respeito ao ensino fundamental, esse jeito novo de explicar o conteúdo poderia não ser aceito, levando em conta de que crianças não possuem ainda discernimento necessário para sozinhas procurarem por informações. Além disso, a educação, principalmente pública, nessa fase, deixa a desejar em alguns pontos.

Para além da comparação entre escola pública e privada, em (T5) percebe-se o lugar do existente, ou seja, a superioridade do que é sobre aquilo que é somente possível, do real sobre o que é imaginário ou utópico. De acordo com o candidato, não podemos mudar esta realidade, pois “as crianças não possuem discernimento necessário para sozinhas procurarem por informações”, o que sabemos ser insuficiente como argumento para garantir a não implementação dessa metodologia em sala de aula.

Outro argumento de lugar-comum, segundo Faraco e Tezza (2011), é aquele que aparece “justamente para substituir a reflexão”, ou seja, ele cumpre a função de, ao tentar resolver tudo “numa frase feita de sabedoria universal e indiscutível, eliminar qualquer necessidade argumentativa” (p. 212). Percebemos isso no trecho em que o candidato afirma que “existem apenas prós quando falamos dessa nova estrutura de ensino, mas será necessária uma grande mudança na infraestrutura de todo o ensino”. Com esta afirmação, ele acaba se redimindo da necessidade de dizer quais mudanças são necessárias, visto que é uma frase feita com valor universal.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

(T6) Aqui no Brasil o auxílio dessa tecnologia nas escolas é muito baixo, porque além de ser novidade, falta o incentivo do governo, falta cobrança da comunidade, faltam recursos. Mas se isso mudar, consequentemente vai haver uma melhoria na frequência de alunos nas escolas.

Outro exemplo é o que acontece quando responsabilizamos o governo pelas mazelas da sociedade, inclusive pelas questões pedagógicas, como é o caso do tema em questão.

(T7) Muitos jovens brasileiros buscam em outros países, novas formas de ensino, para conseguir ter uma boa formação e em consequência um bom emprego. O governo deveria procurar implantar novas formas de ensino, como a sala de aula invertida.

Segundo Cristovão e Tezza, há um lugar-comum ideológico, que vai muito além de simplesmente preencher linhas em uma redação escolar. Trata-se do reconhecimento e da repetição das vozes que falam mais alto na sociedade. No exemplo (T7), percebemos o discurso do lugar da qualidade, ou seja, o que é feito no exterior é melhor do que o que é feito no nosso país e para conseguir uma boa formação é preciso estudar fora. Em (T8), o candidato afirma que a educação no país é “primitiva e desvalorizada”, o que pressupõe conhecimento acerca do que seja uma educação primitiva, ou seja, incivilizada, inculta, selvagem, no seu sentido literal. Seria este o sentido que o candidato queria efetivamente dar ao seu texto?

(T8) Concordo que é fundamental que escolas e outras instituições pratiquem este método, pois, além de motivar a sua capacidade mental, auxilia na aprendizagem. Desta forma, também o professor é valorizado. Além disso, valoriza a educação no Brasil, como sabemos a nossa educação ainda é muito primitiva e desvalorizada.

Outros exemplos de lugares-comuns seriam o fato de que o difícil é melhor do que o fácil, o novo é superior ao que é aceito por todos. Essas “vozes” estão presentes, por exemplo, nas piadas – através dos estereótipos – e nas afirmações absolutas dos fatos que nos rodeiam. Abaixo temos um exemplo dessas afirmações: o fato de que ler livros, revistas, jornais é arcaico e menos importante:

(T9) Entretanto, as instituições brasileiras que cobram aquele velho estudo tradicional em salas de aula, como ler livros, revistas, jornais e etc. Amanhã ou depois isso acabará sendo substituído por algo que esclareça mais dúvidas e estimulando o aprendizado dos jovens.

Um novo modelo de ensino não pressupõe jogar fora os cânones, a tradição, mas perceber que, ao longo de gerações, o perfil e a forma de assimilar os conteúdos por parte dos estudantes foram se modificando. Por este motivo, o conceito de “sala de aula” passa por transformações para continuar atendendo às necessidades e expectativas dos alunos. Isso não significa jogar fora a criança com a água do banho, desconsiderando totalmente tudo o que já foi feito até o presente momento.

O que se percebe pelos exemplos acima é que os trechos não se propõem a contestar nada, não transformam e não propõem novas maneiras de ensinar/aprender, ou mesmo novas reflexões – simplesmente repetem vozes presentes na sociedade. Para evitar que isso aconteça, é preciso levar em consideração a legitimidade da proposta que estamos defendendo, o desenvolvimento do

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade dessa proposta e a quem se dirige o nosso argumento.

Os discursos se constituem dialogicamente, na argumentação, e, por isso, é sempre importante analisarmos que há discursos valorizados e outros vilipendiados; há discursos demonizados e outros endeusados; há discursos ridicularizados pela sociedade e outros aceitos como verdades, mas sempre argumentar é uma atividade discursiva de influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos, com apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio, em defesa de uma tese ou ponto de vista, levando em consideração a ideia da “justa medida” (FIORIN, 2015).

4. Conclusão

Com a perda do prestígio da retórica, no século XIX, a ideia de lugar-comum também foi alterada, e passou a designar banalidade, clichê, e, por este motivo, hoje são condenados e ironizados pelos manuais de produção textual. Não há problemas em utilizarmos argumentos de lugares-comuns; o problema está em utilizarmos argumentos prontos, com conteúdos fixos manifestados através de repetições.

É possível utilizar o lugar-comum como um importante recurso para apresentar uma tese que é evidente por si mesma. Em “O guarani”, por exemplo, José de Alencar vale-se do recurso da descrição do locus amoenus para traçar uma imagem do paraíso terrestre. Podemos não concordar com a descrição feita por Machado (o paraíso como um lugar de beleza e exuberância da natureza, abundância de sombras, árvores, flores, etc.), mas a figurativização deste espaço permite ao leitor estabelecer uma relação entre natureza e homem; a harmonia do cenário representa o paraíso terrestre.

E necessário sempre analisar do ponto de visto do conflito, visto que os lugares-comuns também precisam de argumentos para sustentar seus pontos de vista. Por exemplo, se afirmamos que o passado é a idade de ouro e que o presente é uma decadência, ou vice-versa, precisamos dizer por qual motivo estamos afirmando tal coisa. Quanto mais expostos à diversidade de opiniões estivermos, mais capazes somos de pensarmos sobre o mundo que nos cerca, visto que a diversidade de opiniões conflitantes nos transforma e nos estimula a crescer.

5. Palavras-chave - Produção textual – Argumentação – Lugares-comuns

6. Referências bibliográficas

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de texto para estudantes universitários. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Oficina de texto. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

FIORIN, José Luiz. Argumentação. São Paulo: Contexto, 2015.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016.